

## **O VIAJANTE E O VIAJADO EM O MAR E A SELVA: RELATO DA VIAGEM DE HENRY MAJOR TOMLINSON AO BRASIL**

Eliomar Rodrigues da Rocha<sup>i</sup>

**RSUMO.** A viagem de Tomlinson ao Brasil e o relato que ele produziu, *O Mar e a Selva* (1912), estabelecem linhas paradigmáticas para se pensar criticamente a Inglaterra e a Amazônia brasileira. Para Tomlinson, o homem estava aprisionado às técnicas que ele mesmo criou; e cada vez mais valorizava o dinheiro e se desvirtuava. Assim, o pensamento tomlinsoniano converge para a vertente estoica, uma vez que ele critica as atividades da manufatura, que aprisiona o indivíduo e o obriga a uma atividade fora do ritmo da vida. Em sua concepção, “O viajante ideal deveria se aventurar simplesmente como um pensamento desencarnado ou, no máximo, como um mero olho”. É exatamente sobre a relação de espelhamento entre esse “viajante ideal”, esse “olho desencarnado” e o sujeito *viajado* que eu gostaria de examinar neste texto, uma vez que a própria viagem converte-se num *speculum* em que o olhar do viajante se projeta sobre o Outro tendo como lente de comparação o seu mundo de origem.

**Palavras-chave:** Relato de viagem, Henry Major Tomlinson, Amazônia.

**ABSTRACT.** Tomlinson's journey to Brazil and the travel writing that he produced, *The Sea and the Jungle* (1912), establish paradigmatic lines to think about England and Brazilian Amazon. For Tomlinson, man was tied to techniques that he himself had created; and more and more he valorized money and lost his virtues. Then Tomlinsonian thought drives into stoic watershed, once he criticizes manufacture ativities, which imprision the individual and force him into an activity out of rhythm of life. In his conception, “The ideal traveller should venture out merely as a disembodied thought or, at most, as an eye”. It is exactly about this relationship of mirroring between this "ideal traveler", this "disembodied thought" and the *traveled subject* that I would like to examine in this text, once the journey itself converts into a *speculum* in which the traveler' look glances on the Other having his own world as his means of comparisson.

**Key-words:** Travel writing, Henry Major Tomlinson, Amazon.

*Uma civilização proliferante e sobreexcitada  
perturba para sempre o silêncio dos mares! Os  
perfumes dos trópicos e o frescor das criaturas  
estão viciados por uma fermentação de bafios  
suspeitos, que mortifica nossos desejos e fada-  
nos a colher lembranças semicorrompidas.*

Lévy-Strauss - *Tristes trópicos*

Foi de uma estrutura social intrincada e de uma conjuntura histórica crítica - “If certain things happened, said one half the papers, ruin stared us in the face. If those thing did not happen, said the other half, ruin stared us in the face. No way appeared out of it”<sup>ii</sup> - que Henry Major Tomlinson escapou de Londres para se aventurar pela Amazônia brasileira, em 1910. A porta estava aberta. Era sua chance para escapar de suas amarras: “I saw an open door. I got out. It was as though the world had been suddenly lighted, and I could see a great distance”.<sup>iii</sup>

Assim, depois de mais de um mês de viagem, de Swansea ao Brasil, Tomlinson se aventurou pelas florestas do rio Madeira, no lugar onde estava sendo construída a lendária Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Porém, sem não sem antes dessa aventura, descrever extensamente o cenário inglês e os problemas políticos, econômicos e sociais pincelados nos jornais londrinos e, antes mesmo de embarcar no navio *Capella*, criticar alguns viajantes que o precederam, pela forma apressada que pintaram a preparação da viagem, a partida e o modo “dourado” como apresentaram o “outro mundo” para seus leitores. Assim adverte ele no início de seu relato:

THOUGH it is easier, and perhaps far better, not to begin at all, yet if a beginning is made it is there that most care is needed. Everything is inherent in the genesis. So I have to record the simple genesis of this affair as a winter morning after rain. There was more rain to come. The sky was waterlogged and the grey ceiling, overstrained, had sagged and dropped to the level of the chimneys. If one of them had pierced it! The danger was imminent.<sup>iv</sup>

A entrada triunfal de Tomlinson no mundo das viagens é feita com essa advertência ao leitor sobre a importância de qualquer início, porque este determina o fim. Seu livro, portanto, não se encaixa nos padrões de relatos de viagem escritos até então, pois Tomlinson narra tanto a ida quanto a volta dos trópicos. Também não é uma narrativa tão apressada e paradisíaca quanto a de Henry Walter Bates, por exemplo, que chega ao seu destino na primeira sentença. E atravessa da Inglaterra à Amazônia com trinta e oito palavras: “I embarked at Liverpool with Mr. Wallace, in a small trading vessel, on the 26th day of April 1848; and, after a swift passage from the Irish Channel to the equator arrived on the 26th of May off Salinas”.<sup>v</sup> A narrativa tomlinsoniana filia-se, logo em seu primeiro parágrafo, à vertente utópica, já que o princípio da utopia é uma leitura do que o “real” permite. Ela nasce da interpretação de uma dada realidade.

Assim, a viagem de Tomlinson ao Brasil e o monumento impresso que ele produziu - *O Mar e a Selva* (1912) - estabelecem linhas paradigmáticas para se pensar criticamente a Inglaterra e a Amazônia brasileira da época. Como sugere o título de sua narrativa, ele descreve com vivacidade, o mar (com suas ondas convulsivas, tempestades bravias, o pôr-do-sol e os seres celestes e marítimos, bem como a luta dos marinheiros contra as ondulações insanas das profundezas abissais) como um lugar que o homem (com um novo ego) pode (“The venture

can be made safely”)<sup>vi</sup> e deve ultrapassar se quiser expandir seus limites e viver em liberdade; e a selva amazônica (com suas árvores espectrais de verdor monótono e suas ameaças mortais - mosquitos, doenças e indígenas hostis), como o lugar nas “costas do mundo”, mas como confirmação do estado peremptório do homem e do espaço ordenado pela possibilidade de contemplação e encontro com o sublime a partir da *Natureza*. No entanto, como afirma Mary Louise Pratt ao analisar os escritos de Alexander von Humboldt, (acredito que o mesmo olhar pode servir para os escritos tomlinsonianos) a *Natureza* é descrita “como uma natureza dramática, extraordinária, um espetáculo capaz de ultrapassar o conhecimento e inteligência humanos”.<sup>vii</sup>

Para Tomlinson, o mundo londrino estava em ruínas e a própria natureza se apresentava envelhecida, com uma abóbada celeste encharcada e, " it were exhausted after tears".<sup>viii</sup> E o homem, aprisionado às técnicas que ele mesmo criou, cada vez mais valorizava o dinheiro e se desvirtuava: “There was your extra value for you”.<sup>ix</sup> Do início ao fim do relato, o pensamento de Tomlinson converge para a vertente estoica, uma vez que ele critica as atividades da manufatura (“There's industry, thrift, and success, my little dears!”)<sup>x</sup>, que aprisiona o indivíduo e o obriga a uma atividade fora do ritmo da vida.

Para esse aventureiro, o seu jardim, como uma natureza domesticada, seu único contato com o natural e onde ele buscava refúgios até o momento da viagem, é a essência de sua aventura, pois “There it was: the blackened dahlias, the last to fall, prone in the field where death had got all things under his feet”.<sup>xi</sup> A Inglaterra, repleta de ociosos e uma multidão de escravos, estava estagnada em um tempo que cheirava a maus presságios.

That day was but a thin solution of night. You know those November mornings with a low, corpse-white east where the sunrise should be, as though the day were still-born. Looking to the dayspring, there is what we have waited for, there the end of our hope, prone and shrouded. This morning of mine was such a morning. The world was very quiet, as though it were exhausted after tears.<sup>xii</sup>

Tem-se em Tomlinson, portanto, uma “natureza em movimento e impulsionada por forças vitais em grande parte invisíveis para o olho humano; uma natureza que apequena os homens, determina o seu ser, excita suas paixões, desafia seus poderes de percepção” (PRATT, 1999, p. 212). Mesmo em

terra firme, antes de pegar o trem das 8: 35, cheio de passageiros indiferentes aos problemas sociais; e descer na estação ferroviária de Paddington, “under a calamitous rain”<sup>xiii</sup> e sair à procura do navio que o conduziria aos trópicos, Tomlinson não via “nenhum presságio no céu, apenas o sinal de ruína”. De fato, era preciso procurar novos horizontes. Partir para o “vago país”, de onde vinham os últimos raios de sol ao cair da tarde era a única garantia de “salvação” para a Europa.

No mar, depois de uma longa espera no cais de Swansea, tem-se o homem - engolfado e apequenado pela imensidão azul e seus mistérios - que se esforça para olhar, ver e apreender o que é *mais significativo* na viagem e, a partir de certa passagem secreta, libertar-se do velho ego, pois “The ideal traveller would venture out merely as a disembodied thought, or, at most, as an eye”.<sup>xiv</sup> É exatamente sobre a relação de espelhamento entre esse “viajante ideal”, esse “olho desencarnado” e o sujeito viajado<sup>xv</sup> que eu gostaria de examinar neste texto, uma vez que a própria viagem converte-se num *speculum* em que o olhar do viajante se projeta sobre o Outro tendo como lente de comparação o seu mundo de origem. Como escreve Carlos Eduardo O. Berriel, “O viajante, que é em si a utopia, põe realidade e ficção face a face, esta espelhando aquela, em cujo reflexo aparecem correções, modificações e especialmente, inversões” (BERRIEL, 2006, p. 06). Daquela região sombria, esse “prisioneiro urbano” parte em busca de aventuras e de imagens no *Novo Mundo*. Sua mente está repleta de representações capturadas de livros de viajantes como Henry James, Bates, Humboldt, Spruce e o velho Hakluyt. Todavia, antes de partir, era necessário interrogar-se acerca do empreendimento no mar. “Should the cultivators of London backs look for adventures, even though they have read old Hakluyt? What are the Americas to us, the Amazon and the Orenoco, Barbadoes and Panama, and Port Royal, but tales that are told?”<sup>xvi</sup> Havia a necessidade de se verificar *in situ* tais lugares e histórias, portanto.

Esses questionamentos incitam o viajante escritor a fazer a viagem de volta no tempo. Atravessar o oceano e desembarcar num horizonte repleto de palmeiras e odores primevos e ali ficar durante algum período, mesmo correndo o risco de ficar enterrado debaixo de um pé de sumaúma, na margem de algum rio amazônico, ou ser capturado por indígenas hostis. O peregrino e aventureiro, no

entanto, está preparado para o empreendimento duvidoso. E a Liberdade, portanto, deve ser cantada.

Now do I come at last, O Liberty, my loved and secret divinity! Your passionate pilgrim is here, late, though still young and eager eyed; yet with his coat collar up-turned for the present. Allons! the Open Road is before him. But how the broad and empty prospects of his freedom shudder with the dire sounds and cries of the milk churns on Paddington Station!<sup>xvii</sup>

O viajante ideal, diante da Estrada Aberta, o caminho marítimo do comércio, liberto do cheiro das maquinarias, de tintas (certamente Tomlinson está se referindo ao seu trabalho no jornal *Morning Leader*), do tráfego e barulho na Fleet Street, sua prisão, está pronto para sacrificar-se. Empreender uma viagem incerta, pois não sabe o que o aguarda no futuro (febre no futuro ou não?)<sup>xviii</sup>, que se transforma num tempo passado. Como pontua Sérgio Cardoso, “as viagens são sempre empreitadas no tempo” (CARDOSO, 1988, p. 358). Vista por esse prisma, esse peregrino, não apenas deve viajar até “as costas do mundo” para ali observar e descrever paisagens e modos de vida, mas para encontrar-se consigo mesmo (uma expiação?), pois o peregrino é alguém que faz peregrinações em busca de um santuário. Ele deve embeber-se dos aromas dos trópicos, drenar seus cheiros até a última gota, nunca mais ser o mesmo e sujeitar-se a se recordar, enquanto viver, de certas experiências vividas no mar e na Amazônia.

Procurar descobrir o que é significativo na viagem, então, é um bom começo. Certamente, na companhia de Thoreau, Tomlinson sabe que “It is not worth while going round the world to count the cats in Zanzibar.” In nearly every book of travel this is proved to be true. They show it was not worth the while, seeing it was either to shoot cats or to count degrees of latitude”.<sup>xix</sup> Aí a viagem oscila entre o válido e o inútil, o terreno e o divino, o aqui e o lá, o presente e o futuro, o real e o ideal. Deve-se, pois, buscar o que seja significativo no agora para usá-lo no tempo vindouro.

É assim que, a partir de certa dimensão temporal voltada para o dia original, isto é, o tempo da Gênese, esse “viajante ideal” desvencilha-se de sua condição de “prisioneiro urbano” e se erige em uma história de perfeição do sublime, mas em um tempo presente encaixado na história. Esse desvencilhamento aponta para o gênero utópico, pois a viagem proporciona o

“diálogo com o mundo do viajante”,<sup>xx</sup> que atravessou o tempo presente, está no passado - no dia primevo, na região do Alto Madeira - e constroi um futuro imagético por meio da *Razão*, que no caso do viajante ideal é a própria *Natureza*, que o dirige. Porém, esse desvencilhamento exige certo ritual de iniciação. O próprio Tomlinson, consciente da necessidade desse ritual, escreveu um capítulo com o título “Initiation”, em seu livro *Old Junk* (1918), em que trata dessa temática a partir do olhar de um garoto que acompanha a personagem central - o viajante - em uma viagem à costa africana. (Provavelmente, este livro seja autobiográfico).

É no *Capella* que Tomlinson - contratado como segundo comissário de bordo, de início um tanto quanto frívolo e, em certa medida, xenófobo em relação aos companheiros de jornada, principalmente aos foguistas e ajudantes de convés, que são vistos como rudes - compreende o valor dos marinheiros: “I think sailors deserve large monies,”<sup>xxi</sup> escreve ele se referindo à valentia dos marinheiros ao enfrentarem o primeiro obstáculo. E depois dessa terrível tempestade no Atlântico, esse viajante iniciado se anima com o empreendimento: “I warmed to this voyage for the first time; as though, after a test, I had been initiated. This was the place for me, with men like these about me, and such great affairs to be met”.<sup>xxii</sup> Dali em diante ele é o herói: “I myself, and no other hero, veritably Me at last, for a place not on the chart”.<sup>xxiii</sup> Entretanto, um *Novo Mundo* exige, certamente, um *novo homem*. Como afirma Vita Fortunatti (apud MORAES, 2008, p. 02), “o expediente narrativo das etapas intermediárias que preparam o viajante para o contato com a alteridade assemelha-se, de certa forma, a um ritual de iniciação, um processo de transformação ao fim do qual temos a imagem de um novo homem”. Erige-se em *O Mar e a Selva*, um novo sujeito que, como um “olho desencarnado”, passou pela experiência da viagem, atravessou a si mesmo e, como apenas um mero olho, está pronto para a alteridade. Tendo se familiarizado com o navio - de início, estranho e repulsivo ao toque - e com os demais companheiros de jornada, o capitão, o comandante, o médico, o primeiro comissário, maquinistas, foguistas, o cozinheiro alemão e um taifeiro - o velho ego é deixado para trás e não mais pode segui-lo para além daquelas muralhas continentais, para onde se dirige o novo EU.

Chegando ao portal amazônico, no imaginado *Novo Mundo*, por exemplo,

Empty day is all round. In the entire circle there is not the farthest impertinent interruption - through all the degrees there is not one fool standing in the light; and you yourself are on nobody's horizon. No history stains that place. There is not a black doubt anywhere. It is the first day again.<sup>xxiv</sup>

E a possibilidade de "viver segundo a natureza" está diante do peregrino. A viagem, como predicação de deslocamento entre um ponto de partida e um ponto de chegada, é um exercício de distanciamento, tanto de seu país, quanto de si mesmo - um portal que, no caso de Tomlinson – o conduz ao dia original. É nessa manhã primeva que o peregrino sonhador se coloca para criticar seu mundo e pensar a si mesmo como um homem em sua integridade e em perfeita harmonia com a Natureza. Como esclarece Cardoso, "O distanciamento das viagens não desenraíza o sujeito, apenas diferencia seu mundo... quando, é verdade, ele não se mostra demasiadamente compacto - e defendido - para deixar penetrar o tempo" (CARDOSO, 1988, p. 360).

No *Novo Mundo*, então, o viajante torna-se o senhor de si mesmo e está livre para começar do ponto zero. É ele quem é o afortunado por estar ali e receber esse novo dia: "And I took in this newly-discovered world of ocean and cloudland and my own sure identity centred therein with the complacency of an immortal who will see all the things which do not matter pass away"<sup>xxv</sup>. Imortaliza-se, o viajante, através da própria construção textual. É através das imagens esplendorosas que ele se alça à condição de um viajante ideal, dotado de uma *seeing mind*, pois "For the mind sees this forest better than the eye. The mind is not deceived by what merely shows",<sup>xxvi</sup> afirma Tomlinson". Assim, Jásão e seus marinheiros (mesmo que silenciados) estão na travessia rumo ao "desconhecido", mas imaginado glorioso. O teatro, o *Novo Mundo*, lhes oferece um romance em que eles são os atores privilegiados. O viajante encena o romance como a personagem central. O EU que tudo-pode e tudo-ver manifesta-se grandioso.

We, solitary and privileged in the theatre, waited expectant. The doors of glory were somewhere ajar. The western wall was clear, shining and empty, enclosed by a proscenium of amber flames. In the north-east, astern of us, were some high fair-weather clouds, like a faint host of little cherubs, and from their superior galleries they watched a light invisible to us; it made their faces bright. Beneath them the glazed sea was coral pink. Even our own prosaic iron gear was sublimated; our ship became lustrous and strange. We were the Argonauts, and our world was bright with the veritable self-radiance of a world of romance where the things that would happen were undreamed of, and we watched for them from our argosy's side, calm and expectant; my fellows were transfigured,

looked huge, were rosy and awful, immortals in that light no mortal is given to see.<sup>xxvii</sup>

O *Capella*, essa "arte prosaica", que está agora sublimado e abre passagem entre as muralhas celestes, conduz um grupo de aventureiros para as terras de Orellana. A América desenha-se no horizonte como um sonho que pode ser despedaçado a qualquer momento. É o *Novo Mundo* que se mostra, pouco a pouco, como uma "moldura" gloriosa, pintada pelo EU viajante. Ele é parte do cenário que ele mesmo constroi à medida que se aproxima da América e, num *feedback*, ele realimenta-se de suas reminiscências.

Where luminous sky was behind an island groups of diminutive palms showed, as tiny and distinct as the forms of mildew under a magnifying glass, delicate black pencillings along the foot of the skywall. Often that hairlike tracery seemed to rest upon the sea. The "Capella" continued to stand in, till America was more than a frail and tinted illusion which sometimes faded the more the eye sought it. Presently it cast reflections. The islands grew into cobalt layers, with vistas of silver water between them, giving them body. The course was changed to west, and we cruised along for Atalaia point, towards the pilot station. Over the thin and futile rind of land which topped the sea - it might have undulated on the low swell - ponderous thunder clouds towered, continents of night in the sky, with translucent areas dividing them which were strangely illuminated from the hither side. Curtains as black as bitumen draped to the waters from great heights. Two of these appalling curtains, trailing over America, were a little withdrawn. We could look beyond them to a diminishing array of glowing cloud summits, as if we saw there an accidental revelation of a secret and wonderful region with a sun of its own. And all, gigantic clouds, the sea, the far and frail coast, were serene and still. The air had ceased to breathe. I thought this new lucent world we had found might prove but a lucky dream after all, to be seen but not to be entered, and that some noise would presently shatter it and wake me.<sup>xxviii</sup>

Sonho e "realidade" se refletem e se refratam. O olhar e o ver, como partes de um todo, a visão, incitam o viajante ideal a um estado de maravilhamento e reflexão. "As portas da glórias estão entreabertas" e o olho desencarnado "desliza" pelo cenário, numa inquirição. Em um novo estado de si mesmo, aprimorado, é verdade, é chegado o momento do encontro com o nativo, o sujeito viajado. E é como anjo e logo imediatamente como personagem que o viajante desembarca do *Capella* e faz seu primeiro passeio em terra firme. Somente como anjo, ele é "capaz de olhar as coisas como se fosse pela primeira vez e de viver histórias originais. (...) Enquanto os indivíduos se transformam em personagens, ele é o único que não vê cenários como imagens banalizadas" (PEIXOTO, 1988, p. 363). A respeito do olhar tomlinsoniano, John Freeman afirma que "é como se



Robinson Crusoe ou John Bunyan tivesse ido para o mar em um navio a vapor e se deparasse com aquela âncora, aquelas ondas pesadas, aquelas escadas e passagens e as olhasse meio em dúvida e meio em deleite" (FREEMAN, 1927, p. 67).

O *Novo Mundo* é um sonho que se materializa à medida que o olho e a mente perscrutam. Ao romper da aurora, a floresta amazônica surge refulgente, como o peregrino e aventureiro a imaginara:

Full day came quickly to show me the reality of one of my early visions, and I suppose I may not expect many more such minutes as I spent when watching from the "Capella's" bridge the forest of the Amazon take shape. It was soon over. The morning light brimmed at the forest top, and spilled into the river. The channel filled with sunshine. There it was then. In the northern cliff I could see even the boughs and trunks; they were veins of silver in a mass of solid chrysolite.

(...)

The scene was so luminous, still, and voiceless, it was so like a radiant mirage, or a vivid remembrance of an emotional dream got from books read and read again, that only the unquestionable verity of our iron steamer, present with her smoke and prosaic gear, convinced me that what was outside us was there. Across a hatch a large butterfly hovered and flickered like a flame. Dragon flies were suspended invisibly over our awning, jewels in shimmering enamels.<sup>xxix</sup>

Estando bem distante da vida nas cidades e de uma civilização apressada, deveria haver pouca coisa para esse viajante contestar e denunciar. No entanto, é justamente o distanciamento que lhe possibilita criticar seu mundo de origem e, aqui e ali, o mundo do viajado. Os indivíduos avistados por Tomlinson, quando de seu primeiro desembarque em Belém do Pará são desprovidos de características de uma raça pura, como os ingleses.

The Paraenses, passing by at a lazy gait - which I was soon compelled to imitate - in the heat, were puzzling folk to one used to the features of a race of pure blood, like ourselves. Portuguese, negro, and Indian were there, but rarely a true type of one. Except where the black was the predominant factor the men were impoverished bodies, sallow, meagre, and listless; though there were some brown and brawny ruffians by the foreshore.<sup>xxx</sup>

Provavelmente, embalado pelo discurso classificatório do *Sistema da Natureza*, de Carl Linné, que inclui as pessoas em suas classificações das plantas e animais, o viajante situa o nativo entre as categorias antropomórficas lineanas. De acordo com Pratt, dentre as principais características estabelecidas por Linné entre *homo sapiens* e *homo monstrosus* está a supremacia do europeu. O americano é descrito assim: "cor de cobre, colérico ereto. Cabelo negro, liso, espesso; narinas largas; semblante rude; barba rala; obstinado, alegre, livre. Guia-se por costumes". E o europeu, por sua vez, é "claro, sanguíneo, musculoso; cabelo louro, castanho; olhos azuis; delicado, perspicaz, inventivo. Coberto por vestes justas. Governado por leis" (PRATT, 1999, p. 68). Dessa forma, os paraenses são apresentados pelo viajante como objetos de uma descrição etnográfica e em contraste com "as características de uma raça de sangue puro". Mais adiante, no povoado de Itacoatiara, no rio Amazonas, Tomlinson faz seu primeiro passeio na floresta amazônica. Ali, ele e o médico, seu companheiro na jornada, "spent many memorable days in its neighbourhood, butterfly-hunting and sauntering".<sup>xxx</sup> A passagem a seguir ilustra como do *Sistema da Natureza* origina-se a descrição tomlinsoniana:

We continued along the path, in the way of the vanished children. Among the bananas were some rubber trees, their pale trunks scored with brown wounds, and under some of the incisions small tin cups adhered, fastened there with clay. In most of the cups the collected latex was congealed, for the cups were half full of rain-water, which was alive with mosquito larvæ. The path led to the top of the river bank. The stream was narrow, but full and deep. A number of women and children were bathing below, and they looked up stolidly as we appeared. Some were negligent on the grass, sunning themselves. Others were combing their long, straight hair over their honey- and snuff-coloured bodies. The figures of the women were full, lissom, and rounded, and they posed as if they were aware that this place was theirs. They were as unconscious of their grace as animals. They looked round and up at us, and one stayed her hand, her comb half through the length of her hair, and all gazed intently at us with faces having no expression but a little surprise; then they turned again to proceed with their toilets and their gossip. They looked as proper with their brown and satiny limbs and bodies, in the secluded and sunny arbour where the water ran, framed in exuberant tropical foliage, as a herd of deer.<sup>xxxii</sup>

O cenário se apresenta através de uma linguagem intensamente visual e analítica. O olhar estabelece comparações associadas aos dias primevos. O homem primitivo, portanto, está em completa integração com a Natureza. O viajante, agora iniciado, ausenta-se completamente do cenário. Ele é apenas o

olho que perscruta, que nomeia, classifica e julga. Envolvido em completa inocência, o viajado vive segundo a mãe Natureza. Esse modo de vida é cantado por Tomlinson como um estado de completa harmonia entre homens e o meio. Tem-se aí a imagem de um jardim em que os viajados desfrutaram os prazeres possibilitados pelo completo estado de inocência em que ainda vivem. Logo adiante, Tomlinson afirma que

I had never seen primitive man in his native place till then. There he was, as at the beginning, and I saw with a new respect from what a splendid creature we are derived. It was, I am glad to say, to cheer the existence of these people that I had put money in a church plate at Poplar.<sup>xxxiii</sup>

Visto pela lente das utopias, a descrição serve como crítica à perda da harmonia entre o homem e a natureza nos centros metropolitanos. Como uma crítica aos londrinos, que criaram a Lei de Ajuda aos Necessitados (*Poor Law*), pois "Only the man of long culture could think of such a shattering insult to the All Wise".<sup>xxxiv</sup> Em relação aos viajados, Tomlinson acredita que "Experience has not taught them to devise such a cosmic mock as a Poor Law. They have all they want".<sup>xxxv</sup> Portanto, a comunidade indígena, para o viajante, aproxima-se mais de uma sociedade de justiça do que a londrina, uma vez que a criação de leis significa falta de harmonia entre os homens, daí a necessidade de tal lei.

O relato *O Mar e a Selva* é uma construção paradigmática, porque é um processo reflexivo sobre o mundo terreno. Nela, o homem da metrópole é visto como um escravo de leis terrenas. O homem está preso às rodas que ele mesmo sonhou e criou. Como esclarece Tomlinson em um texto escrito quase duas décadas depois de sua viagem à Amazônia: "Um desespero vago é sugerido em nossas turnês ao redor do mundo. Algo está faltando em nossa civilização. Talvez pensemos que quanto mais longe formos, mais provavelmente recuperaremos o que quer que seja que tenhamos perdido".<sup>xxxvi</sup> Tomlinson, do início ao fim de sua narrativa, pensa, reflete, desconfia desse "progresso" proporcionado pelas tecnologias. Para ele, esse desejo do homem pelo domínio, o escraviza e o impossibilita de "viver segundo a natureza", premissa utopista.

Ao falar sobre os modos de vida dos trabalhadores da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, onde esteve durante algum tempo, Tomlinson afirma que "Yet they were not the violent and headstrong fellows of romantic tales. They were

simple and kind. They regarded meat, drink, and tobacco as common; they were ready to leap into the dark for a friend”.<sup>xxxvii</sup> Vivendo em uma região insalubre da Amazônia, esses trabalhadores sabiam que a sobrevivência dependia da união entre eles. Assim, é fácil compreender o valor atribuído a cada membro daquela comunidade, principalmente ao nativo, de quem dependiam os estrangeiros. Era ele quem os guiava no rio e na selva, ou lhes garantia a alimentação quando os suprimentos acabavam. Era ele quem selava as mulas, transportava os equipamentos entre os trechos encachoeirados do Madeira e, muitas vezes servia-lhes de intérprete. Do viajado, no sentido proposto por Pratt (1999), depende muito do conhecimento adquirido pelo viajante no percurso em terras estrangeiras. Viajante e viajado, portanto, são partes indissociáveis em qualquer relato de viagem. Do primeiro depende menos o sucesso da empreitada. A sanção por tê-la iniciado é o não-retorno. Como é possível suspeitar, o jovem Herman Melville, quando embarcou em seu baleeiro, não sabia que sua viagem jamais terminaria. Da mesma forma, ao embarcar no navio *Capella*, Henry Major Tomlinson também não supunha que sua viagem seria interminável, já que a busca do *self* do homem é a mola que o impele ao longínquo. Para homens dessa estirpe é o sonho que é real.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERRIEL, Carlos Eduardo. O. *et al.* Editorial **Morus – Utopia e Renascimento**, nº 3. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 2006.
- CARDOSO, Sérgio. “O olhar viajante”. In: **O olhar**. NOVAES, Adauto.(Org). São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- FREEMAN, John. “Mr. H. M. Tomlinson”. In **London Mercury**. Vol. 16, Nº 94, 1927.
- LÉVY-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MORAES, Helvio. "O tema da viagem e seus desdobramentos na Nova Atlântida de Francis Bacon". **Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, nº 7. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: [http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num7/dossie\\_Helvio%20Moraes.html](http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num7/dossie_Helvio%20Moraes.html). Acesso em 03/12/2009.

PEIXOTO, Nelson Brissac. “O olhar do estrangeiro”. In: **O olhar**. NOVAES, Aduino.(Org). São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do impérios: relatos de viagem e transculturação**. Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.

TOMLINSON, Henry Major. **The Sea & the Jungle**. Illinois: The Marlboro Press, 1999.

\_\_\_\_\_. Exploration. In: **Out of Soundings**. New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1931 - Chapter 13, p. 190-208.

## NOTAS

<sup>i</sup> Eliomar Rodrigues-Rocha é graduado em Letras: Português pela UNESP e em Letras: Inglês pela Universidade Federal de Rondônia e Especialista em Inglês e suas Literaturas pela mesma instituição de ensino. Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre e doutorando em Teoria e História Literária pela UNICAMP, onde desenvolve, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel, tradução e análise do relato de viagem *The Sea and the Jungle*, do escritor inglês Henry Major Tomlinson. As traduções das notas de rodapé são todas do autor deste texto.

<sup>ii</sup> Se certas coisas acontecessem, dizia a metade dos jornais, nos arruinariam diretamente. Se essas coisas não acontecessem, dizia a outra metade, nos arruinariam também. Não havia saída. Trecho do relato de viagem *The Sea and the Jungle*, (TOMLINSON, 2010, p.05).

<sup>iii</sup> Vi uma porta aberta. Saí. Era como se o mundo tivesse sido rapidamente iluminado, e eu pudesse ver a uma grande distância

<sup>iv</sup> AINDA que seja mais fácil, e talvez muito melhor, não começar de modo algum, mas se um começo é feito, é ali que é preciso o máximo de cuidado. Tudo é inerente à gênese. Assim, tenho que registrar a simples gênese desse acontecimento como uma manhã de inverno depois da chuva. Havia mais chuva ainda por vir. O céu estava encharcado e o firmamento cinzento, superdistendido, tinha cedido e descia ao nível das chaminés. Se alguma delas o tivesse perfurado! O perigo era iminente. (TOMLINSON, 2010, p.01).

<sup>v</sup> Embarquei em um pequeno navio comerciante, em Liverpool com o senhor Wallace, no dia 26 de abril de 1848; e depois de um rápido trecho do Canal Irlandês ao Equador, chegamos no dia 26 de maio a Salinas.

<sup>vi</sup> A aventura pode ser feita com segurança (2010, p. 148)

<sup>vii</sup> PRATT, Mary Louise. *Os olhos do impérios: relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999, p.212.

<sup>viii</sup> Estava exausta depois de tantas lágrimas. (2010, p. 01)

<sup>ix</sup> O dinheiro tinha seu valor extraordinário para você. (2010, p. 05)

<sup>x</sup> Temos indústria, economia e sucesso, meus queridinhos! (2010, p. 07)

<sup>xi</sup> Ali estavam as adálias escuras, as últimas a cair, propensas no campo onde a morte tinha todas as coisas debaixo dos pés (2010, p. 01).

<sup>xii</sup> Aquele dia era apenas uma solução malsucedida da noite. Você conhece aquelas manhãs de novembro, com um oriente baixo, com uma palidez cadavérica, onde o romper da aurora parece como se o dia estivesse natimorto. Olhando para a aurora, há o que temos aguardado, o fim de nossa esperança, propensa e encoberta. Assim era essa minha manhã. O mundo estava muito tranquilo, como se estivesse exausto depois de tantas lágrimas (TOMLINSON, 2010, p. 01).

<sup>xiii</sup> Debaixo de uma chuva calamitosa. (2010, p. 15).

<sup>xiv</sup> O viajante ideal deveria se aventurar simplesmente como um pensamento desencarnado, ou, no máximo, como um mero olho (TOMLINSON, 2010, p. 58).

<sup>xv</sup> Este termo refere-se às pessoas que acompanham um viajante enquanto receptores da viagem e segundo Mary Louise Pratt, autora deste conceito, “alguns anos atrás, teóricos da literatura começaram a falar de “narratados” (*narratees*), figuras correspondentes aos narradores no ponto de recepção da narrativa. Obviamente, viagens são estudadas precipuamente a partir da

perspectiva do viajante, mas é perfeitamente possível e extremamente interessante estudá-las na perspectiva daqueles que dela participam” (PRATT, 1999, p. 234).

<sup>xvi</sup> Os cultivadores dos subúrbios de Londres deveriam procurar aventuras, mesmo que tivessem lido o velho Hakluyt? O que são as Américas para nós, o Amazonas e o Orenoco, Barbados, Panamá e Port Royal, senão histórias que nos são contadas? (TOMLINSON, 2010, p. 02).

<sup>xvii</sup> Neste momento, venho finalmente, Oh Liberdade, minha amada e secreta divindade! Seu apaixonado peregrino está aqui, atrasado, contudo, ainda jovem e com olhos ansiosos; mas com a gola do seu casaco virada para o presente. Avante! A Estrada Aberta está diante dele. Mas como as perspectivas amplas e vazias de sua liberdade estremecem com os terríveis sons e gritos dos bidões de leite na Estação de Paddington! (TOMLINSON, 1999, p. 08)

<sup>xviii</sup> Na época em que Tomlinson esteve na Amazônia, o rio Madeira era conhecido como “o longo cemitério”, pois a malária, a febre negra, beribéri e outras doenças que assolavam a região eram quase certas para o homem branco.

<sup>xix</sup> Não vale a pena, enquanto viajando pelo mundo, contar os gatos em Zanzibar. Isso prova ser verdadeiro em quase todos os livros de viagens. Eles mostram que não era válido no momento, tampouco, caçar gatos ou contar graus de latitude” (TOMLINSON, 2010, p. 51).

<sup>xx</sup> BERRIEL, Carlos Eduardo. “Editorial”, In: *Morus - Utopia e Renascimento*, nº 3. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 2006.

<sup>xxi</sup> Acho que os marinheiros merecem grandes verbas” (TOMLINSON, 1999, p. 24).

<sup>xxii</sup> Animeei-me com essa viagem pela primeira vez; como se, depois de um teste, eu tivesse sido iniciado. Este era o lugar para mim, com homens como estes ao meu redor, e tão grandes acontecimentos para serem cumpridos” (TOMLINSON, 1999, p. 51) - (itálico meu).

<sup>xxiii</sup> Eu mesmo, e *nenhum outro herói*, verdadeiramente EU, finalmente, para um lugar que não estava no mapa...” (TOMLINSON, 2010, p. 12) - (grifos meus).

<sup>xxiv</sup> O dia vazio está em todo o redor. No círculo inteiro não há a interrupção mais distante e impertinente - em todas as etapas, não há um tolo de pé na luz; e você mesmo não está no horizonte de ninguém. Nenhuma história mancha aquele lugar. Não há uma dúvida escura em nenhum lugar. É o primeiro dia novamente (TOMLINSON, 2010, p. 5).

<sup>xxv</sup> Recebi este mundo recém-descoberto do oceano e nuvem e minha própria garantida identidade centrada naquele lugar, com a complacência de um imortal que verá todas as coisas que não têm importância desaparecerem” (TOMLINSON, 2010, p. 57)

<sup>xxvi</sup> A mente vê esta floresta melhor do que o olho; ela não é enganada pelo que meramente se mostra” (TOMLINSON, 2010, p. 216).

<sup>xxvii</sup> Nós, solitários e privilegiados no teatro, esperávamos com expectativas. As portas da glória estavam entreabertas em algum lugar. A muralha ocidental estava clara, brilhante e vazia, delimitada por um proscênio de chamas de âmbar. No nordeste, atrás de nós, havia algumas nuvens elevadas de nítida temperatura, como um acolhimento de desmaio de pequenos querubins e, de suas tribunas superiores, eles cuidavam de uma luz invisível para nós; ela deixava suas faces brilhantes. Abaixo delas, o mar vitrificado estava da cor rosa-coral. Até mesmo nossa própria arte de ferro prosaica estava sublimada; nosso navio ficou lustroso e estranho. Éramos os Argonautas e nosso mundo estava brilhante com a verdadeira auto-radiação de um mundo de romance, onde as coisas que iriam acontecer eram inimagináveis e olhávamos para elas de nosso lado do navio, calmos e esperançosos; meus companheiros estavam transfigurados, pareciam enormes, estavam rosados e medonhos, imortais naquela luz que a nenhum mortal é dado a ver (TOMLINSON, 2010, p. 59).

<sup>xxviii</sup> O céu luminoso, que estava por trás de um grupo de ilhas de pequenas palmeiras, mostrava traços delicados de lápis preto, tão pequenos e distintos, quanto as formas de mofo debaixo de um espelho magnífico, ao longo da linha do horizonte. Frequentemente, aquela moldura semelhante a cabelos parecia descansar sobre o mar. O *Capella* continuou se aproximando até que a América se tornou mais do que uma ilusão tingida e delicada, que às vezes empalidecia, quanto mais o olho procurava ver. Logo lançou reflexos. As ilhas aumentaram em placas de cobalto, com vistas de água prateada entre elas, dando-lhes forma. O curso foi mudado para oeste e cruzamos para o ponto Atalaia, rumo à estação do vigia. Por cima da crosta fina e fútil de terra que subia do mar – que podia ter ondulado sobre a baixa protuberância - poderosas nuvens de trovão subiam, continentes de noite no céu, com áreas reluzentes dividindo-as, que eram estranhamente iluminadas do lado. Cortinas tão negras quanto betume cobriam as águas de grandes alturas. Duas dessas cortinas apavorantes, se arrastando por cima da América, estavam um pouco puxadas para trás. Podíamos olhar para além delas, para um grupo diminuído de nuvens de cumes brilhantes, como se víssemos ali uma revelação acidental de uma região secreta e

maravilhosa com o seu próprio sol. E tudo, nuvens gigantes, o mar, a costa frágil e distante, estava sereno e tranquilo. O ar tinha parado de respirar. Pensei que esse mundo reluzente, que tínhamos descoberto, pudesse provar um *sonho* feliz e, apesar de tudo, ser visto, mas não para ser entrado, e que algum barulho logo iria despedaçá-lo e me acordar (TOMLINSON, 2010, p. 172-173).

<sup>xxxix</sup> O dia completo chegou rapidamente para me mostrar a realidade de uma das minhas primeiras visões e suponho que não possa esperar muito mais semelhantes minutos a floresta da Amazônia tomar forma, tanto quanto gastei olhando da ponte de comando do *Capella*. Logo o cheiro se foi. A luz da manhã margeava a copa das árvores e derramava-se dentro do rio. O canal se enchia com o brilho do sol. Ali estava ela então. No penhasco do norte, eu podia, de fato, ver os galhos e os troncos; eram veias de prata em uma massa de crisólito sólido. (...)

A cena era tão luminosa, tranquila e silenciosa, que era tão parecida com uma miragem radiante, ou uma *lembrança viva* de um *sonho emocionante* tirado dos livros lidos e relidos novamente, que somente a verdade inquestionável de nosso vapor de ferro, presente com sua fumaça e engrenagem prosaica, me convencia de que o que era exterior a nós realmente estava ali. Em cima de uma escotilha, uma borboleta grande pairou e tremulou como uma chama. Libélulas estavam suspensas invisivelmente em cima de nosso toldo, jóias de esmaltes cintilam (TOMLINSON, 2010, p. 176) - (itálicos meus) .

<sup>xxx</sup> Os paraenses, passando com um jeito de andar preguiçoso - que logo fui impelido a imitar -, no calor, eram pessoas enigmáticas para alguém acostumado com as *características de uma raça de sangue puro, como nós ingleses*. O português, o negro e o indígena estavam ali, mas raramente como um tipo fiel de alguém. Exceto onde o negro era o fator predominante, os homens tinham o corpo empobrecido, pálido, frágil e apático, embora houvesse alguns brigões morenos e musculosos na faixa litorânea (TOMLINSON, 2010, p. 87) - (grifos meus).

<sup>xxxi</sup> Passaram dias memoráveis em suas redondezas, com caça às borboletas e passeios (2010, p. 236).

<sup>xxxii</sup> Continuamos ao longo da trilha em que as crianças desapareceram. Entre as bananeiras havia algumas seringueiras, seus troncos pálidos, marcados com cortes escuros, e debaixo de algumas das incisões, pequenas tigelas estavam enfiadas, fixadas ali com argila. Na maioria das tigelas, o leite coletado estava congelado, porque as tigelas estavam quase cheias de água da chuva, que estava viva, com larvas de mosquitos. A trilha conduzia ao barranco do rio. O córrego era estreito, mas estava cheio e fundo. Algumas mulheres e crianças estavam se banhando e olharam para cima apaticamente, quando aparecemos. Algumas estavam desatentas, no capim, tomando banho de sol. Outras estavam penteando seus cabelos longos, caídos sobre corpos morenos cor de mel. As figuras das mulheres eram cheias, graciosas e roliças, e elas posavam como se tivessem conscientes de que esse lugar era delas. Eram tão inconscientes de suas belezas, quanto os animais. Olhavam-nos em volta e acima, e uma parou sua mão e seu pente na metade do comprimento de seu cabelo, e todas nos fitaram atentamente com rostos sem nenhuma expressão, mas um pouco surpresas; então, viraram-se novamente para continuarem com seus banhos e suas fofocas. Pareciam tão peculiares com seus membros e corpos morenos e acetinados no recluso e ensolarado bosque, onde a água corria, enquadradas em exuberante ramagem tropical, quanto uma manada de cervos (TOMLINSON, 1999, p. 112).

<sup>xxxiii</sup> Nunca tinha visto o homem primitivo em seu lugar nativo até então. Ali estava ele, como no começo, e via, com um novo respeito, de qual criatura somos derivados. Era, estou contente em dizer, para alegrar a existência dessas pessoas, que eu tinha ofertado moedas em uma igreja em Poplar (TOMLINSON, 2010, p. 228).

<sup>xxxiv</sup> Somente o homem de longa cultura poderia pensar em um semelhante insulto ao Todo-Poderoso.

<sup>xxxv</sup> A experiência não lhes ensinou a inventar semelhante escárnio cósmico como a Lei de Ajuda aos Necessitados. Eles têm tudo o que querem" (TOMLINSON, 2010, p. 235).

<sup>xxxvi</sup> TOMLINSON, H. M. "Exploration". In: *Out of Soundings*. New York and London: Harper & Brothers Publishers, 1931 - Chapter 13, p. 190-208.

<sup>xxxvii</sup> Entretanto, eles não eram os indivíduos violentos e teimosos dos contos românticos. Eles eram simples e gentis, e consideravam a comida, a bebida e o tabaco como algo em comum; eles estavam prontos para saltar na escuridão por um amigo" (TOMLINSON, 2010, p. 345).